

## A ARTE E O ANSEIO ARTÍSTICO

Ensina-nos a experiência dos homens e das coisas que é bem o apoio humano que muito importa no comportamento e entusiasmo de quem começa e procura afirmar-se. No ambiente artístico actual, de que resulta frequentemente um afluxo de contradições e porventura de incompreensão para determinados trabalhos e correntes artísticas, que aliás se compreende face à comunicação pessoal que o artista procura transmitir, e às características da hora que se vive, há evidentemente muita obra de real qualidade, como também muita outra desprovida de qualquer mérito, o que um futuro, mais ou menos próximo, vai seleccionando; mas a mensagem do alto valor de realidade artística acaba normalmente por ser compreendida, aceite e distinguida.

POR MIRA FERREIRA

É comum o anseio do artista, qualquer que seja a sua variante: Criar. Conseguir o belo, numa dimensão de originalidade, valorizando o património artístico humano, com trabalhos que se imponham ao critério e gosto dos outros homens e se definam, nas raízes da cultura, vencendo a barreira do tempo, projectando-se para lá da vida do seu criador. Este por mais que seja, é um mortal como o mais vulgar dos homens, com passagem breve por este mundo, — e só na obra permanecerá quando o mérito a faz perpetuar.

Evidentemente que o grande artista, o génio eleito, têm ou terão um dia a sua glorificação. Porém, pelo seu contributo de valorização individual, pelo esforço de realização em determinada variante artística que o dom, a vocação espontânea ou a conseguida cultura determinam, o artista sério, que procura valorizar-se e servir a arte, um ideal, menos dotado embora daqueles atributos que acontecem de quando em quando e levam um homem à «imortalidade» é também socialmente elemento de valor. Por isso, o jovem — especialmente o jovem — nestas circunstâncias, merece o nosso apoio, carinho, compreensão e estímulo.

## VILA VIÇOSA DE OUTRAS ERAS (XXI)

### A PROPÓSITO DAS INVASÕES FRANCESAS

História o Padre Rocha Espanca a posição de Vila Viçosa perante os estrangeiros que por aqui andaram no conturbado período das invasões napoleónicas, citando a responsabilidade que coube à nossa terra quando Loison atacou a cidade de Évora. Diz o ilustre historiador, a certa altura:

«O mais notável deste ano (1809) foi servir o Paço do Reguengo de hospital de sangue aos feridos da

batalha de Talavera de La Reina. Morreram cá muitos Ingleses que tiveram sepultura na várzea do Morgadinho e também detrás do Re-

#### Secção de M. I. PESTANA

guengo nuns olivais dos Gracianos e principalmente na secção do sul do Carrascal, que ficou sendo o cemitério ordinário dos Ingleses protestantes.»

1810. «Continuam os incómodos da guerra.»

1811. «Também para cá vieram alguns feridos da batalha de Albuera; e os pinhais de el-rei forneceram madeiras para os cercos de Badajoz.»

Por documentos que consultámos (de Novembro de 1811) pudemos saber que a Santa Casa da Misericórdia «com todo o desvelo e caridade sem perdoar a despesa alguma» correu «para o curativo daqueles soldados enfermos e respectivos às

Tropas assim Portuguesas como Britânicas, que se aquartelavam na dita vila, ou por ela faziam trânsito, resultando daqui ver-se a dita Santa Casa reduzida a uma quase total falta de meios para poder concorrer para o curativo dos enfermos pobres da dita vila e seu termo, e muito mais ainda em um tempo, qual o presente, em que todos os víveres, sem excepção alguma, têm subido a um preço como os mortais nunca viram»...

Por estas razões a Mesa viu-se obrigada a solicitar dispensa do pagamento de legados não cumpridos.

Ainda a propósito desta situação de guerra, noutro documento declara D. Bernardo de Lucena Almeida Noronha, almoxarife do Palácio, que para cuidar da limpeza dos Paços estavam ao serviço quatro homens intitulados varredores, cujo trabalho diário se sobrecarregou extraordinariamente «no presente tempo, em que nos ditos Reais Paços se têm alojado as tropas britânicas e espanholas e também têm servido de enferma-

(CONTINUA NA PAG. QUATRO)

## O Futebol em Vila Viçosa

Num mundo mesquinho como o nosso, em que todo e qualquer esforço que façamos é feito a pensar nos lucros que esse mesmo esforço nos possa proporcionar, sem se olhar muitas vezes ao facto de que esse mesmo esforço vai beneficiar pessoas mais necessitadas que nós (pois como disse alguém «Na sociedade actual as pessoas não se ajudam nem cooperam entre si, as pessoas digladiam-se, combatem-se, tentam sobrepor-se umas às outras muitas vezes por interesses mesquinhos»).

Nm mundo como o nosso, dizia eu, é sempre motivo de alegria e talvez de meditação, o encontrar-se alguém que desinteressadamente, devotada-

mente, se dedica a uma causa, arrostando muitas vezes com críticas injustas, com ataques pessoais ao seu nome e dignidade, por parte daqueles que beneficiando dessa mesma causa, nada fazem para a ajudar.

Vem isto a propósito dos comentários ouvidos da boca dos adeptos calipolenses, depois do jogo de futebol a contar para o Campeonato Nacional da 3.ª Divisão, entre «O CALIPOLENSE» e o GINÁSIO DE ALCOBAÇA, e de que saiu vencedor este último.

Diziam esses comentários: «São a vergonha de Vila Viçosa», «O melhor é desistirem», etc..

Embora sujeitando-me também às

mesmas críticas, aos mesmos ataques mesquinhos, não posso deixar de discordar desses comentários, pois conhecendo o facto de «O CALIPOLENSE», ser a nível de Campeonatos Nacionais de Futebol a única equipa amadora, conhecendo as deficientes condições de trabalho (no aspecto desportivo e financeiro) em que labutam Direcção e jogadores, que durante a semana nos seus empregos, e alguns duros, contribuem para uma Vila Viçosa maior, para aos domingos por perderem um desafio de futebol serem achincalhados e apelidados de vergonhas de Vila Viçosa, por aqueles que muitas vezes não contribuem com nada, quem como eu já os vi chorar de tristeza por perderem um desafio, quem como eu já os vi ter como prémio de jogo uma vitória, não uma quantia em dinheiro, mas o prazer supremo de chorar lágrimas de alegria, quem já os vi a meio da semana, depois de um fatigante dia

(CONTINUA NA PAG. QUATRO)

## A CIDADE DE ÉVORA

### Boletim da Comissão Municipal de Turismo

Por gentileza do seu editor, snr. Túlio Alberto da Rocha Espanca, recebemos o n.º 56, do ano de 1973, o 30.º, desta interessante publicação de estudos históricos, artísticos, arqueológicos, bibliográficos e municipais, que inclui importante documentação sobre Vila Viçosa.

A Túlio Espanca, emérito crítico e historiador que honra o Alentejo, agradecemos a oferta e a amável autorização para reproduzirmos a sua publicação, com o que brevemente começaremos a brindar os nossos leitores.

## A DR.ª MARIA ALICE CHICÓ

### é a nova Conservadora do Paço Ducal de Vila Viçosa

Foi há dias nomeada Conservadora do Paço Ducal de Vila Viçosa a Snr.ª Dr.ª D. Maria Alice Chicó.

A Ilustre Senhora, que respeitavelmente cumprimentamos, desejamos as maiores facilidades, no sentido de tornar mais atraente, valioso e conhecido o nosso Paço Ducal, justo motivo de orgulho não só de calipolenses mas também nacional.

«O Calipolense» está à inteira disposição da Senhora Conservadora, como, afinal, o está particularmente de tudo que interesse a Vila Viçosa.

Luz

UMA  
DUAS  
E MAIS UMA  
LUZ  
QUE SE NÃO INCEN-  
DEIAM  
QUE SE MISTURAM EM CORES  
E DEIXAM VER A TUA LOUCURA  
AMOR.

gregório gomes



## FAZEM ANOS:

Em 26 de Janeiro:

Mário Marques dos Santos

Em 27 de Janeiro:

Dr. Alberto Carlos Martins de Brito Lima

Manuel Silvério Toscano

Maria Cândida Ferrão Soldado

Maria Francisca Canhoto Ribeiro

Maria João Franco Passos

Paulo Marcolino Novelo Falé

Mário de Jesus Duro Ferreira

Em 28 de Janeiro:

António José Pereira Carriço

Em 29 de Janeiro:

António Francisco Lapa Fradique

António José Frade Rosado

Helder Joaquim Fraústo

Em 30 de Janeiro:

Manuel Augusto Silva Ferreira

Maria da Conceição Silva Faleiro

Batamete Bensaja dei Seichiré

Mariana da Conceição Martins

Ventura

Em 31 de Janeiro:

Geraldo de Jesus Gazimba Simão

Helder de Jesus da Silva Azeitão

Prof. João Joaquim Primo Jaleco

Em 1 de Fevereiro:

Maria Isabel Burrelho Bezílio

Em 2 de Fevereiro:

Joaquim Maria Duro Toscano

José Manuel Gazimba dos Anjos

Maria do Céu Fradique Cisneiro

Em 3 de Fevereiro:

Maria Vicência Barreiros

Mariana de Jesus Pernas Rosa

## CRIADO O SINDICATO NACIONAL DOS TÉCNICOS E OPERÁRIOS METALÚRGICOS DO DISTRITO DE ÉVORA

Por alvará de 20 de Dezembro do ano findo, do Ministério das Corporações e Segurança Social, foram aprovados os Estatutos do Sindicato Nacional dos Técnicos e Operários Metalúrgicos do Distrito de Évora.

O novo Organismo Corporativo, cuja sede se localizará, nesta cidade, abrange os trabalhadores metalúrgicos e metal-mecânicos dos distritos de Évora e Beja que assim passam a beneficiar de um Organismo destinado à defesa dos seus interesses sócio-profissionais.

A Comissão Organizadora, em colaboração com as Delegações do I. N. T. P. de Évora e Beja está já a trabalhar com vista ao início de funcionamento do novo Sindicato.

## JOGOS FLORAIS

Vai o Centro Cultural do Sindicato Nacional dos Oficiais Maquinistas da Marinha Mercante levar a efeito os «JOGOS FLORAIS de 1974», cuja inscrição terminará, impreterivelmente, no dia 30 do próximo mês de Março.

Para estes «Jogos Florais», aceitam-se trabalhos nas seguintes modalidades: SONETO, QUADRA POPULAR, POESIA LÍRICA, POESIA ALEGÓRICA AO MAR e POESIA OBRIGADA A MOTE.

Todas as produções devem ser enviadas àquele Centro Cultural, Av. D. Carlos I, 101, 1.º, Esq.º, Lisboa-2, aconselhando, no entanto, todos os leitores interessados em concorrerem a, antes, dirigirem-se àquele Centro, que tem o telefone 66 17 75, e prestará todas as informações, nomeadamente quanto ao regulamento do concurso.

## PARA OS NOSSOS POBRES

Recebemos do nosso estimado assinante, Senhor Miguel Augusto Lebre Gonçalves, da Cova da Piedade, a quantia de QUINHENTOS ESCUDOS.

Em nome dos beneficiados «O Calipolense» expressa àquele amigo os seus melhores agradecimentos.

## XIX ROMAGEM DE SAUDADE E GRATIDÃO AO SEMINÁRIO DE ÉVORA

A Liga dos Antigos Seminaristas de Évora (LASE), na forma dos anos anteriores, nos dias 2 e 3 de Fevereiro próximo, promove a XIX Romagem de Saudade e Gratidão ao Seminário de Évora, por ocasião da Festa da Casa, com o seguinte programa:

Dia 2 — Festa da Casa — às 11 horas, procissão de velas, da capela do Seminário de Nossa Senhora da Purificação para a Igreja do Espírito Santo, da antiga Universidade, onde o Senhor Arcebispo presidirá à Celebração Eucarística às 19 horas, jantar em honra dos Benfeitores; às 21, no Ginásio do Seminário, audição do Coro dos Seminaristas e representação de um auto de Calderón de la Barca.

Dia 3 — Dia do Antigo Seminarista — às 11 horas, na Igreja do Espírito Santo, Missa concelebrada pelo Senhor Arcebispo e por sacerdotes antigos alunos do Seminário, com ofertório solene das Bolsas de Estudo das Delegações da L. A. S. E.; às 12 horas, na Sala dos Actos do Seminário, Assembleia Geral Lasista, em que um antigo aluno leigo falará sobre o Ano Santo; às 14 almoço de confraternização, no refeitório do Seminário; às 17, repetição do sarau do dia anterior.

As inscrições para o almoço de confraternização devem ser feitas no Seminário Maior de Évora, telefone 221 28, até 31 do mês em curso.

## FALECIMENTO

Faleceu no passado dia 14, em Estremoz, a sr.ª D. Maria Amália de Lima Marques, viúva, de 90 anos, natural de Vila Viçosa.

O funeral veio para esta Vila, no dia 15, onde ficaram a repousar os seus restos mortais.

A família enlutada apresentamos sentidas condolências.

## COMISSÃO DE PLANEAMENTO DA REGIÃO DO SUL

Sob a presidência do Senhor Dr. Armando Perdigão e com a presença dos respectivos membros (representando os distritos de Faro, Beja, Portalegre e Évora), efectuou-se mais uma reunião da Comissão de Planeamento da Região do Sul, com a seguinte Agenda de Trabalhos:

— Regionalização das acções (programas e projectos) previstos no projecto do IV Plano de Fomento;

— Estudo e proposta de projectos específicos para a Região Sul no âmbito das acções genéricas previstas no IV Plano de Fomento;

— Polo de crescimento de Faro-Olhão;

— 1.º Congresso Internacional das Economias Regionais.

## NASCIMENTO

No passado dia 3 de Janeiro, nasceu na maternidade de Évora a Isabel Maria Talhinhas dos Anjos, filha da sr.ª D. Maria Manuela Rodrigues Talhinhas dos Anjos e do sr. José Manuel Gazimba dos Anjos.

É neta, materna da sr.ª D. Maria da Luz Rodrigues Talhinhas e do nosso estimado assinante sr. Manuel Joaquim Talhinhas, e paterna da sr.ª D. Antónia da Conceição Gazimba e do sr. Manuel João dos Anjos.

É madrinha a sr.ª D. Maria Filomena Ramos Martins e padrinho o sr. Carlos Vieira.

A Isabel Maria desejamos uma vida longa e sempre muito feliz.

A seus pais e avós apresentamos nossos melhores parabéns.

# Campeonato Nacional da III Divisão RESULTADO TOCADO DE INFELICIDADE CALIPOLENSE, 1 — MARRAZES, 2

O Calipolense tem que ir à Bruxa, pois, para além das suas inúmeras insuficiências, vê por vezes a sua equipa de futebol perder jogos imerecidamente, tal como aconteceu neste encontro em que a felicidade bafejou os visitantes na medida em que abandonou os locais.

No entanto, em abono dos homens de Marrazes, há que fazer-lhe a justiça de reconhecer que jamais renunciaram a qualquer lance na grande área de Vila Viçosa, antes perseguiram a bola até ao fim como que à espera de qualquer falha da nossa defesa, o que uma ou outra vez aconteceu e foi por eles aproveitado para obter a vitória.

Os visitados, talvez com mais ocasiões para marcar, não tiveram o discernimento necessário e, vamos, a tal parcela de sorte sempre indispensável. Houve mesmo lances que mostraram à evidência que a sorte resolvera voltar-nos as costas. Esta começou logo a revelar-se a favor dos Marrazes na maneira como eles conseguiram o golo do empate, dois minutos após o Calipolense numa jogada rápida ter conseguido o primeiro tento do encontro: Calisto teve uma hesitação, um avançado visitante como de costume insistiu, o guarda redes Taborada com a valentia costumada pretendeu, em mergulho, antecipar-se aos avançados contrários, mas a bola escapou-se-lhe e, após vários remates para a nossa baliza e rechacados pelos nossos defesas na linha de golo, a bola apareceu dentro das redes atirada pelo número 7, Paiva.

Não há dúvida que foi um verdadeiro balde de água fria e que este lance teve fortes reflexos no resultado final. A sorte abandonara o Calipolense, ele que tanto dela necessitava!

Iniciado o segundo tempo com um empate a uma bola, logo nos primeiros lances o golo, quicá decisivo, esteve mais de uma vez à vista para os locais. Mas estava escrito que eles não poderiam vencer e, mais felizes, foram os de Marrazes que num contra ataque obtiveram a vitória.

## CORSO CARNAVALESCO NAS CALDAS DA RAINHA

Para fins de beneficência, vai uma vez mais realizar-se o Corso Carnavalesco das Caldas da Rainha, nos dias 24 e 26 de Fevereiro próximos, espectáculos que alcançaram já fama nacional.

Encontram-se já em pleno trabalho cerca de 25 pessoas, que diariamente estão pondo a funcionar a máquina enorme que em Fevereiro virá para a rua.

São responsáveis pelo Corso/74 duas comissões, a directiva, presidida por Alberto Manuel Pereira (Saramago) e a executiva, constituídas, a primeira por 5 e a segunda por 15 elementos.

Aqui fica, a todos os leitores deste jornal, uma sugestão:

Pelo Carnaval, vão a Caldas da Rainha, porque o seu já famoso corso carnavalesco neste ano promete ser melhor ainda do que nos anteriores.

## FALECIMENTO

Faleceu em Vila Viçosa no passado dia 17 deste mês, a sr.ª D. Maria Esperança Castro Rebelo, de 85 anos, viúva do sr. José Celestino Rebelo.

Era irmã dos srs. António José Castro e Reinaldo Salvador Castro.

A todos os seus familiares «O Calipolense» apresenta sentidos pesames.

tória, em lance que deixou algumas dúvidas pela posição do n.º 7 visitante e mais uma vez com algumas culpas para a defesa local.

Em resumo, foi um jogo de campeonato, viril, mas geralmente correcto e em que venceu o mais feliz.

As equipas alinharam:

Marrazes: Rui Silvestre; Ferrinho, Diamantino, Soares e Cândido; Guilherme, Paiva e Rocha I; Graça, Nini e Monteiro.

No segundo tempo Rocha II substituiu Nini.

O Calipolense jogou com: Taborada; Trindade, Calisto, Patácio e Serrador; Parraça, José Luís e Luís; João Canhoto, Franco e Marta.

Reapareceu o guarda redes Taborada após um ano de ausência, fazendo alarde da sua conhecida valia.

Após ausências mais ou menos

prolongadas, reapareceram, também, João Canhoto e José Luís que mostraram bem quão preciosa e necessária é a sua colaboração à equipa.

Estreou-se no «Onze» o africano Marta que revelou ter bom toque de bola, embora esguerdino e saber jogar. No entanto, acusa ainda grande falta de fundo. Contudo, jogou o tempo todo!

Arbitrou o sr. António Ferreira, de Lisboa e salvo o lance da vitória dos visitantes que, como atrás dizemos deixou dúvidas cujas responsabilidades devem ser acatadas ao fiscal de linha, procurou ser imparcial.

Paiva e Rocha, pelos visitantes e José Luís pelos locais, foram os autores dos golos.

No próximo domingo não há jogos para o Nacional.

J. F.

«Calipolense», n.º 41, de 26-1-74



NOTARIADO PORTUGUÊS

CARTÓRIO NOTARIAL DE BORBA

## Certidão

Certifico narrativamente para efeitos de publicação, que por escritura de vinte e nove de Novembro de mil novecentos e setenta e três lavrada neste Cartório, e exarada de folhas quarenta e quatro verso a folhas quarenta e sete, no livro de notas número trinta e quatro, para escrituras diversas, os senhores Manuel Joaquim Grenho, casado, João António Carriço Grenho, casado a) Maria Inácia Rosado Grenho, b) Manuel José Rosado Grenho, c) Joaquim Manuel Rosado Grenho, ambos solteiros, menores, e João António Rosado Grenho, solteiro emancipado plenamente, todos residentes na freguesia de Bencatel, concelho de Vila Viçosa, constituíram, entre si, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada que se regula nos termos constantes dos artigos seguintes:

### PRIMEIRO

A sociedade adopta a denominação de MARBENCA — Sociedade de de Mármore Bencatense Limitada, e tem a sua sede no Olival da Guerra, freguesia de Bencatel, referida.

Parágrafo único: Por simples deliberação da Assembleia Geral a sede social poderá ser deslocada dentro da mesma localidade.

### SEGUNDO

A sua duração é por tempo indeterminado, iniciando hoje a sua actividade.

### TERCEIRO

O objecto da sociedade é a exploração e a comercialização de mármore, podendo no entanto dedicar-se a outra actividade em que os sócios acordem e seja permitida por lei.

### QUARTO

O capital social, integralmente realizado é de seiscentos mil escudos, correspondendo à soma das quotas dos sócios na razão de cem mil escudos para cada um dos primeiro, segundo e quarto outorgante e dos filhos menores do terceiro, identificados sob as alíneas a), b), e c).

### QUINTO

Não são exigíveis prestações suplementares de capital, mas os sócios poderão fazer suprimentos à sociedade mediante as condições estabelecidas por deliberação a tomar em Assembleia Geral.

### SEXTO

A cessão e divisão de quotas en-

tre os sócios é livre, mas a sua existência por qualquer forma a estranhos está dependente do consentimento prévio da Sociedade, a qual deverá ser notificada pelo sócio interessado, através de carta registada com aviso de recepção, das condições, preço e cessionário da projectada cessão, entendendo-se como consentida a mesma se a sociedade se não pronunciar no prazo de trinta dias a contar da recepção da carta.

Parágrafo Primeiro: A sociedade em primeiro lugar, e qualquer sócio depois, só ou conjuntamente com outros, podem, dentro do prazo indicado comunicar ao sócio cedente a sua intenção de adquirir a quota cedenda, nas condições indicadas;

Parágrafo Segundo: As restrições do presente artigo não se aplicam aos sucessores legítimos dos sócios.

### SETIMO

A sociedade será representada em Juízo e fora dele pelos sócios gerentes; são sócios gerentes desde já os maiores ou emancipados e futuramente aqueles que forem atingindo a maioridade ou lhes for concedida a emancipação.

Parágrafo Primeiro: Os actos e contratos, que pela sua natureza envolvam responsabilidades para a sociedade, terão de ser firmados por dois gerentes.

Parágrafo Segundo: Podem no entanto ser praticados por um só gerente.

a) Os actos de mero expediente; b) Os actos de compra e venda ou permuta de veículos automóveis. c) A representação da sociedade em juízo e a necessária outorga em procuração que pretenda conferir poderes forenses a advogado ou solicitador.

### OITAVO

Sempre que seja necessário reunir a Assembleia Geral serão os sócios convocados por carta registada com aviso de recepção e a antecedência mínima de oito dias salvo os casos em que a lei preveja especiais formalidades de convocação.

Está conforme o original o que certifico.

Borba e Cartório Notarial, aos quinze de Janeiro de mil novecentos e setenta e quatro.

Pelo Notário,

a) Maria Antónia Avó Cochicho Godinho Palma.



# Evora e a sua Universidade

(CONTINUADO DA ULT. PAG.)  
ferir-me ao colóquio que sobre o ensino teve lugar em Évora, no Instituto Superior Económico e Social, com vista à participação na reforma do sistema educativo.

A posse do Magnífico Reitor e da digna Comissão Instaladora marca a nova arrancada no caminho da institucionalização da Universidade que procurará ser, segundo afirmou naquele acto, «universalista pela metodologia, estrutura e saber, e regional pelas prioridades que farão parte dos seus objectivos e preocupações». Colocando-se ao serviço do homem como seu «objectivo primordial», não se afasta do sentido humanista que caracterizou a antiga Universidade de Évora e justifica a organização da multiplicidade dos ramos do conhecimento científico no

âmbito de currículos interdisciplinares que dêem resposta às actuais exigências do desenvolvimento social e económico.

Conscientes do estágio da economia da região, conhecedores das potencialidades existentes, confiantes nos recursos disponíveis, a Universidade representará para todo o território a sul do Tejo um verdadeiro motor do desenvolvimento e uma resposta às necessidades prementes do futuro.

Ressalta, claramente, do discurso pronunciado no acto de posse pelo Reitor, a intenção de ir ao encontro da vocação regional e concretizar a vontade do seu povo fazendo da instituição universitária a Universidade do desenvolvimento, ou seja, que a sua realização institucional se projecte e ramifique por toda a região,

consoante as aptidões e possibilidades de cada meio. Assim em Évora, através de estruturas novas e métodos modernos, parece possível no âmbito de estudos universitários o funcionamento de Cursos de Letras (em moldes diferentes e currículos distintos do clássico), de Geografia e História (tal a riqueza do património documental da biblioteca pública de Évora); de Ciências Exactas (como Matemática, Física e Química); de Ciências Naturais (como Biologia, Botânica, Zoologia); de Tecnologias agro-pecuária e de produtos alimentares e Medicina (considerando as necessidades sanitárias de região e a existência de infraestruturas em grau suficiente). Justifica-se na Universidade ao lado do centro de estudos luso-brasileiros, um centro de estudos árabes. Por seu turno, em Portalegre além dos cursos que podiam ser organizados a partir da sua Escola Normal Superior com base no regime de associação previsto no diploma legal criador dos estabelecimentos do ensino superior, poderiam ter lugar cursos de engenharia textil. Por outro lado, Beja no aproveitamento de infraestruturas aí existentes, poderia ver a funcionar cursos de aeronáutica, de indústria pesada e de guerra (com respectivas oficinas) e uma estação de ensino hidroagrícola, independente do mesmo alcance na base daquela associação

Por sua vez, Faro teria vocação para aí funcionarem as Escolas Superiores de Turismo, Arquitectura e Engenharia Urbanística e Paisagística, Biologia Marítima e Tecnologias dos Produtos do Mar e Estudo da energia solar, dependendo, por isso, o princípio da associação a partir do Instituto Politécnico, criado pelo diploma acima referido.

Finalmente, não podemos esquecer a realidade de Sines onde podiam vir a ser instalados estabelecimentos de ensino superior destinados a cursos de engenharia industrial, de geo-engenharia, de engenharia química e de recursos minerais, e, bem assim, de tecnologia da pesca.

No limiar do último quartel deste século XX, visiona-se, assim, a estrutura departamental de um tipo de associação que poderá constituir a Universidade do Desenvolvimento à qual caberá o grande papel de forjar os homens e alterar as estruturas que não constituíram a futura e promissora sociedade portuguesa, cujos alicerces estão lançados por Marcello Caetano a quem se fica a dever mais progresso e maior bem-estar para o cidadão português.

## Marinheiro calipolense condecorado

Foi condecorado com a medalha da Cruz de Guerra de 4.ª classe o marinheiro fuzileiro especial n.º 786/66, António Joaquim Ferrão Trindade, natural de São Bartolomeu, concelho de Vila Viçosa, distrito de Évora, que, prestando serviços extraordinários em zona de campanha em Moçambique, revelou também possuir em elevadíssimo grau, coragem, decisão, sangue-frio e serena energia debaixo de fogo.

Apontador de metralhadora ligeira e paleiro da sua Universidade, foi trabalhador incansável para que o seu serviço se mantivesse eficaz; operacionalmente, contribuiu para os assinaláveis êxitos conseguidos.

Numa operação, atacado o objectivo que na altura estava abandonado, foi detectado um acampamento inimigo com elementos armados; à ordem de avançar o marinheiro Trindade fê-lo com tal rapidez que, empolgando a sua equipa, surpreendeu totalmente o inimigo permitindo a captura de todo o armamento e de importante documentação; pouco tempo passado e ainda com a sua equipa à frente, sofreu o destacamento uma emboscada com armas automáticas; de tal maneira foi a sua reacção com a metralhadora ligeira que, em poucos segundos, o grupo inimigo se pôs em fuga.

## Sessão de estudo e esclarecimento na Escola Preparatória André de Resende

### tema: A IMPRENSA

Na Escola Preparatória André de Resende, realizou-se uma sessão de estudo, compreendendo todos os actuais alunos do 4.º ano do ciclo (novo programa de ensino), em prosseguimento de um interessante estudo, subordinado ao tema A IMPRENSA e o qual tem vindo a ser efectuado como trabalho da disciplina de português e bem orientado em aulas anteriores, pela professora desta disciplina dr.ª Mariana Festas.

Convidado a prestar a sua colaboração esteve presente o nosso colaborador M. Ferreira, que iniciou a sessão, pondo em relevo todo o significativo interesse destes estudos que culminam em diálogo aberto, abordando positivamente o tema, também pelo lado prático e objectivo.

A seguir, Mira Ferreira desenvolveu pormenorizada informação de esclarecimento acerca de «um jornal», nos seus diversos aspectos: recolha da notícia, informática, jornalismo, trabalho gráfico, o leitor e outros.

Depois, pôs-se à disposição dos presentes para responder a todas as perguntas que lhe desejassem fazer. Em conclusão de anteriores estudos acompanhados pela dr.

D. Mariana Festas, responsáveis por grupos, apresentaram cerva de uma vintena de perguntas, no que foram devidamente esclarecidos, em vivo diálogo de que efectivamente ressaltava ineludível interesse e entusiasmo por tão actual e sugestivo tema: A Imprensa.

## Coluna dos leitores

### ESCREVA-NOS QUANDO QUISER...

P.º José Cardoso Bairrada — Vila Viçosa: — Lemos, apreciamos e agradecemos-lhe a sua carta. Acredite que não perdemos a nossa independência e jamais dela abdicaremos. Admira-se se lhe garantirmos que da pessoa em causa pensamos do mesmo modo que V. Rev.ª, devotando-lhe o mesmo respeito e igual admiração? Nem sempre as coisas se exteriorizam por concordância, sendo-o muitas vezes pelo ridículo.

V. Rev.ª, que já honrou este jornal com valiosa colaboração espontânea que justamente distinguimos com lugar de relevo, continua a dispor das nossas colunas, inclusivamente

para replicar artigos como o em causa. Creia que receberemos a sua colaboração com muita simpatia.

José Joaquim Quintas — Barreiro: — A sua assinatura está paga até ao n.º 56. Nunca é tarde para desejar um Bom Ano, votos que muito lhe agradecemos e retribuimos. E veja se da próxima vez traz mais vagar, porque gostamos muito de ver os nossos estimados amigos e assinantes na redacção do nosso jornal.

Francisco António David Soares — Évora: — Tem o seu jornal pago até ao n.º 40.

Mário Rui Henriques Ferrão —

Setúbal: — Liquidou a sua assinatura até ao n.º 33.

José Fernando Barradas Évora — Faro: — Com o seu cheque de 75\$00 a assinatura ficou paga até ao n.º 83.

Joaquim José Ribeiro Frade — Lisboa: — Com os 100\$00 fica o jornal pago até ao n.º 85.

Miguel Augusto Lebre Gonçalves — Cova da Piedade: — Tem a sua assinatura paga até ao último dia deste ano de 1974.

João António Dias Leitão — Lisboa: — A sua assinatura ficou paga até ao n.º 50;

A todos, cumprimentamos, com amizade.

## DE VEZ EM QUANDO

No «Calipolense» do passado dia vinte de Outubro do ano passado e sob este título referi-me ao alvitre de um assinante que veio à redacção e sugeriu que o jornal criasse uma sessão de humorismo e depois contei o episódio — Não! eu não tiro o boné!

Esperava eu, que depois daquele dia alguém alimentasse a secção, mas pelos vistos, tal não aconteceu, o que se lamenta.

É certo que na vida que se vive nos nossos dias, poucas coisas nos dão graça.

Não sei mesmo se André Brun vivesse a vida dos nossos dias, poderia ter a «verve» suficiente para legar aos vindouros tão profusa obra humorística!

Surpreendeu-me, entretanto, que pelo menos o leitor que sugeriu a secção não tivesse mandado a sua colaboração.

PREVINA-ME, SR. DR.,

PREVINA-ME!

Há dias um médico dizia para um doente que o chamou a sua casa, por se encontrar muito doente e impedido de ir até ao consultório:

Sr. Francisco! — Vou dar-lhe alguns conselhos para passar melhor dos seus nervos.

Então, sr. Dr. estou assim tão mal, que uma súbita emoção pode provocar-me uma recaída ou mesmo um desenlace?

Responde o médico: Não tenha dúvidas! Por isso o estou aconselhando para que leve a vida com muita calma, para que se afaste de problemas e para que fuja o mais possível das preocupações de que já me tem dado conta!

E o médico continuou a dar conselhos ao sr. Francisco e este a ouvi-los com a maior atenção.

Mas a certa altura o sr. Francisco, já muito bem aconselhado, pediu licença ao sr. dr. para interromper e depois disse ao médico:

Compreendi tudo muito bem, sr. dr. E tão bem compreendi todos os seus valiosos conselhos, que peço ao sr. dr. que, antes de me mandar a sua conta me previna, com a maior antecedência!

— Previna-me, sim, sr. dr.?

O doente, o sr. Francisco, estava inteirado; mas já estava preocupado...

Até para a semana, se Deus quiser e não houver outra colaboração para nos dar um pouco de humor.

BENTO ROSADO

## Novos dirigentes da Imprensa Não-Diária

(CONTINUADO DA PAGINA UM)  
Manuel Poças das Neves, director de «O Jornal do Reguengo».

### SUBSTITUTOS:

Dr. João Vicente de Oliveira Char-  
rua, director do jornal «Ribamar», e  
Joaquim Alves Teixeira, pel'«O  
Norte Desportivo».

A ASSEMBLEIA GERAL, a que  
passou a presidir o Dr. Jorge Moura  
Neves Fernandes, director do «Jornal  
de Abrantes», que preside também  
ao Conselho Geral, ficou assim constituída:

### EFFECTIVOS

Presidente — Dr. Jorge de Moura  
Neves Fernandes «Jornal de Abran-  
tes»;

Secretário — Empresa Ed. do No-  
tícias do Cartaxo, representada por  
Nuno Rossini Marques Tristão Rosa-  
do;

### SUBSTITUTOS

Dr. Manuel José Homem de Melo  
«Soberania do Povo»;  
Livraria Bertrand, SARL, repre-  
sentada por Monsenhor Francisco  
Moreira das Neves;

Ative, Lda., representada por Nes-  
tor Figueira Costa «Notícias do Co-  
mércio».

### CONSTITUEM O CONSELHO GERAL: NORTE

José Casimiro da Silva «Estrela da  
Manhã».

### CENTRO

Dr. José Galamba de Oliveira  
«A Voz do Domingo».

### SUL

Carlos Monteiro «O Distrito de Se-  
túbal».

### MADEIRA

Rogério M. Caldeira «Eco do Fun-  
chal».

### AÇORES

Fernando Teixeira «A Ilha».

### SENDO O CONSELHO TÉCNICO FORMADO POR:

Adelino Novais Branco, Pel' «O  
Almeirense»;

António Maria Paulouro, Director  
do «Jornal do Fundão»;

Custódio Batista Vieira, Director  
dos «Ecos de Belém»;

Domingos José Soares Pacheco,  
pel'«A Ordem»;

Gabriel Jacinto Primo Jaleco, Di-  
rector de «O Calipolense»;

Tarcísio Vazão de Campos e Trin-  
dade, Director do «Jornal de Alco-  
baga».



## NOTA DA SEMANA

### GOSTAVA...

Quem circula nas nossas estradas e naturalmente se preocupa pela vida, nem uma só vez tem possibilidades de, terminado o dia de labor, reentrar em casa sem ter sido testemunha de desrespeitos e de atropelos de porem os cabelos em pé, da parte duma certa escumalha de condutores mal educados que não respeitam ninguém. Condutores que vamos encontrar desde os profissionais aos endinheirados que só conduzem por prazer, passando por aqueles que, porque têm bons carros e muito dinheiro, interpretam e cumprem as leis como lhes convém.

Parece-me que já ninguém duvida da eficiência dos agentes de trânsito da G. N. R. e da P. S. P., tanto nas povoações, como nas estradas e em «operações stop», a pedirem e verificarem documentos, e os cintos estão carimbados e os pneus lisos e a viatura leva triângulo. Também já nos habituámos a uma certa compostura e afabilidade nos nossos agentes, ultrapassada felizmente que foi a fase de pedirem e insistirem na apresentação do «triângulo de pré-nalização», de obrigarem o condutor do lado esquerdo a apresentar os documentos pela janela do lado direito, e de, às vezes imprópriamente, aplicarem — e daí não saírem — termos e expressões que se vê mesmo terem sido aprendidas na véspera nos códigos. Não, hoje, temos de convir, os nossos agentes apresentam-se polidos e ficam bem ao lado dos colegas dos países mais evoluídos.

Mas gostava de ver esses agentes colocados em sítios ditos estratégicos, nos altos de estrada, nas curvas, nas passagens estreitas, junto dos sinais de «stop» e em todos os locais de limitação de velocidade. E gostava de os ver também a observarem essa infinidade de condutores que de noite circulam com a luz sempre nos máximos, e pensam que a largura da estrada é toda para eles. É que, tenho a certeza, ultrapassada felizmente que está a época em que os guardas se intimidavam na presença dos grandes senhores, se tudo isso fosse intensamente fiscalizado, muito trabalho teriam as brigadas de trânsito a aplicar multas, a apreender cartas de condução e até a levar indivíduos para a cadeia, mas, por outro lado, compensadoramente, mais seguras passariam a andar a nossa vida e a nossa fazenda.

## O Futebol em Vila Viçosa

(CONTINUADO DA PAGINA UM)

de trabalho, ir treinar, sem luz, muitas vezes só com as botas em cima dos pés por não haver meias, outras vezes sem água para banhos, dando o seu esforço sem nada pedir em troca, não pensando nos que ganham rios de dinheiro e que têm excelentes condições de trabalho (mas que não sabem o que é ter amor à camisola), mas pensando apenas que se o momento é mau pode vir a ser melhor, e isso só se consegue com boas vontades e com trabalho e nunca com críticas destrutivas.

Quem como eu sabe que o que atrás escrevi (e penso que todos sabem) é a verdade nua e crua, não pode nem deve considerar esses rapazes como vergonhas de Vila Viçosa, mas sim como motivo de orgulho para Vila Viçosa, pois quando o «Calipolense» entra em campo, são os filhos de Vila Viçosa e arredores que lá entram, e não um grupo de mercenários da bola que apenas se preocupam com prémios e luvas, e para quem o amadorismo puro, proclamado por Pierre de Coubertien é apenas uma utopia ridícula e ultrapassada.

E é pena que daqui por uns anos quando os Velhos do Restelo que por aí abundam, tiverem com as suas críticas e maldicências acabado com

o desporto em Vila Viçosa, aos domingos à hora a que hoje vão ao Carrascal ver futebol, se limitem a ficar na Fonte da Praça, recordando com saudade os tempos em que havia futebol em Vila Viçosa, mesmo com derrotas e tudo.

Joaquim Pedro Correia da Silva

## Vila Viçosa de outras eras

(CONTINUADO DA PAGINA UM)

rias aos soldados prisioneiros franceses, que têm sido remetidos para a dita Vila a fim de se curarem». Ora, pretendia-se com justificadas razões que esses «varredores» fossem dispensados do serviço militar das Ordenanças como se consentira a outros servidores reais por ordem do sargento-mor. No entanto, lamenta o almoxarife, aos seus «varredores» os que têm compelido àquele serviço «até ao ponto de os obrigar a ir para fora da dita vila (...) e têm chegado a mandar prender, estando ocupados com tropas britânicas, por faltarem à ronda de Ordenanças».

E também por esta altura que o

boticário da Santa Casa José Rodrigues Espinheiro requer nomeação vitalícia, o que não consegue, apesar de alegar a seu favor ter sido o primeiro boticário da «dita Botica da Santa Casa e do Hospital há mais de vinte anos», servindo não só os enfermos pobres como também os militares.

Comprova a sua qualificação de bons serviços com atestados dos médicos dr. João Bernardo de Siqueira, da Casa de Bragança, do Hospital Real, da Câmara e juiz-comissário da Junta do Proto-Medicato; e dr. Francisco Phes de Ataíde, cirurgião-mor do 2.º Regimento de Olivença.

M. I. Pestana

# Evora e a sua Universidade

## A 'Universidade do desenvolvimento' de que o Sul necessita

*brilhante intervenção do deputado Dr. Amílcar Mesquita na Assembleia Nacional*

Acaba de escrever-se a caracteres de ouro uma página mais do livro da Universidade de Évora.

Desde os recuados tempos do século XV era a Cidade Museu centro esplendoroso de arte, ciência e cultura humanista, que, com a fundação da Universidade em 1550, irradiaria para o mundo inteiro os mais diversos ramos do saber: teologia, exegese bíblica, direito, filosofia, história e hagiografia, ascética, oratória sagrada, filologia e linguística, cartografia e erudição vária.

Alguns nomes conquistam fama universal de mestres como filólogos, teólogos, exegetas, juristas, filósofos, humanistas: Assun, Manuel Álvares, Francisco Suarez (doutor exímio), Luís de Molina, Sebastião Barradas, Cristóvão Gil, Pedro da Fonseca (Aristóteles português), Francisco Soares Lusitano, e tantos, e tantos outros. O seu prestígio e influência chegam à África, à Ásia e ao Brasil.

Projecta-se no mundo a vocação e espírito universalistas da Universidade eborense.

O modelo desta Universidade esteve na origem da tentativa de fundação de uma Universidade no Brasil, no século XVII: em 1670 tentam criar na Baía uma Universidade. 1729 e em 1747 surgem as tentativas para alargamento ao Brasil da Universidade de Évora.

Teria, assim, perfeita justificação à luz da história e na pujança actual da vida da Comunidade Luso-Brasileira, um Centro ou Instituto de Estudos Luso-Brasileiros na restaurada Universidade.

A Cidade Museu parecia ter encerrado, para sempre, a história da sua gloriosa Universidade.

Mas o querer dos homens — ultrapassando o tempo, vencendo as adversidades, a projectar-se, continuamente, do passado no presente para o futuro, à luz da cultura que não se apaga por mais fortes que sejam os movimentos da destruição — haveria de renovar a perenidade dessa história reabrindo o pesado e empoado livro de dois séculos, a que se aditam, agora, às

velhas folhas de pergaminho novas folhas, em cuja primeira se inscreveram já factos imorredadouros.

Seria o espírito reformista do Governo de Marcello Caetano aberto aos interesses do Povo Português que haveria de auscultar os anseios e corresponder às lídimas aspirações de desenvolvimento das gentes da região transtagana.

Não se deve — ao contrário do que escreveram agoraios — a criação do Centro de Estudos Universitários a Além do Tejo a «aspirações-pressões» ou a qualquer «caciquismo à mistura». Não é preciso mais do que relembrar as lúcidas e irrefragáveis palavras do Ministro da Educação Nacional proferidas em Évora a 5 de Fevereiro de 1972: «Aqui estou. Para vos alimentar a esperança. Para trabalharmos com esse objectivo. Não serão necessários anos. Talvez dias». E noutra passagem: «Não constitui surpresa para o Ministro da Educação Nacional a afirmação viva, a afirmação voluntariosa da gente do Alentejo que deseja ter aquilo que nunca devia ter perdido — a sua Universidade».

Quase dois anos volvidos (4 de Janeiro de 1974), ao dar posse ao Magnífico Rector e Comissão Instaladora, afirmaria: «Começa hoje a Universidade».

Concluirei, reproduzindo uma idela feliz então proferida por quem hoje

é meu colega de círculo — o Snr. deputado Santos Murteira: O Povo da Região Sul não pediu, mereceu a Universidade, porque ao corresponder à chamada feita, trabalhou com esse objectivo.

Difícil é em trabalho de grupo ou de esforço colectivo distinguir quem quer que seja, ainda mais quando esse alguém encarna, profundamente, o verdadeiro espírito de trabalho em equipa.

Contudo, não posso calar à luz de elementar justiça e para desmerecer a acusação do feio pecado, da ingratidão humana, a acção decisiva e o valor dos trabalhos neste empreendimento do deputado Cotta Dias. Recordo a intervenção brilhante que teve na Assembleia Nacional para emudecer, com argumentação serena e irrefutável, certas vozes, que, falaciosamente, pretendiam fazer crer, mediante razões de quantidade e de acentuado tom tecnocrata, a ilegitimidade da pretensão do povo transtagano. Os mesmos que, afinal, não poupam o Governo à crítica de nada construírem para que se atenuem as assimetrias regionais.

Lembro só mais aquele facto da sua iniciativa e que terá sido porventura, o primeiro passo desta grande caminhada cuja primeira jornada chegou ao fim. Quero re-

(CONTINUA NA PAGINA TRÊS)

## Canção que foi de embalar

Ó papão vai-te embora  
de cima desse telhado  
que o menino já não chora  
nem sequer abre aos olhos de espantado.

Quando nasceu já sabia  
que os papões são entretém  
dos que vivem na mania  
de estragar a alegria  
a todo aquele que a tem

E o menino não chora por pirraça  
nem sequer faz beicinho  
embora saiba já que o avozinho  
não mais lhe achará graça.

Ele vai ser um estranho em sua casa  
por ter nascido esperto  
mas que importa!  
Se ele nasceu para um galope de asa  
que presente  
em si, além da porta,  
a gritar-lhe: — Sê gente!

Ó papão vai-te embora,  
atira-te do telhado...  
(Vai-te embora... vai-te embora  
pois que o menino de agora  
já não chora.)

Vai-te embora... vai-te embora,  
acabou-se o teu reinado.

Joaquim Vermelho